ARLEQUIM
10 MAIO 28
N.17

REVISTA DE ACTUALIDADES

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS
Por anno 40$000
Por semestre 22$000

GERENTE
Horacio K. de Andrade

Publica-se ás Quintas-feiras, em São Paulo
Redacção e Administração
RUA LIBERO BADARÓ 28, 3º ANDAR, SALA 14
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

DIRECTORES
Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Americo R. Netto

ILLUSTRADOR
J. G. Villin

CORPO DE REDACÇAO:

PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, FELIX DE QUEIROZ, RIBEIRO NETO, DE LIMA NETTO

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIÉRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE CAMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

Ella — Então, filhinho?...

Elle — Nada.

Ella — Não houve, na praça, quem descontasse a letra?

Elle — (franzindo a testa, os olhos, o nariz e a bocca) Qual.

Ella — Você sempre é um grande desastrado!

Elle — Os homens são maus...

Ella — (sem esperar a conclusão)... ou deixaram de ser tolos.

Elle — (desconsolado) A mal-da-de dos homens e da vi-da...

Ella — Não seja bobo!

Elle — Fale mais baixo que o porteiro nos está ouvindo.

Ella — Afinal, o que fazemos?

Elle — Proporemos ao gerente do hotel um accordo: que nos deixe ficar aqui, ainda uns quinze dias. Até lá veremos no que param as coisas...

Ella — As coisas não param; andam.

Elle — Treguas de literatura; sejamos positivos...

Ella — Pois bem. Amanhã, eu mesma irei procurar um agiota encasacado.

Elle — Você?!. NÃO!

Ella — Tolinho... Sejamos positivos...

Elle — (com força, ainda) Não!

Ella — (insiste com um argumento qualquer)

Elle — (com menos força) Não.

Ella — (insiste com o mesmo ou com outro argumento)

Elle — (Quasi sem força) N. .ã. .o...

Ella — .. então...

Elle — (conciliador) Enfim, será o que você quizer.

(A orchestra rompe num tango. O leitor gosta de tangos? Se não gosta modifique a musica).

Ella — (afastando-se delle) Até já, meu amigo.

Elle — Onde vae?

Ella — Dansar.

(Fecha-se a porta do salão de dansas, onde ha cento e trinta e nove pessoas.)

VARGAS Y. HORTIZ

Os pontos de vista do dr. Josias

E' possivel que o leitor ande curioso por conhecer algo do temperamento deste estranho Dr. Josias, cujos pontos de vista se caracterisam não tanto pelo amargor da philosophia, mas pelo tom sarcastico e pela irreverencia com que aggride as mais respeitaveis instituições sociaes. Não é um demolidor por principio. E' um motejador por educação.

Tinha seus motivos para isso. O Dr. Josias, apezar de rico, teve a mais tragica das infancias, envolvido, aos sete annos, na rêde de uma historia de amor e de odio, de que acabou como unico herdeiro sem probabilidade de vingança. Incapaz de rancor e não tendo mesmo contra quem o exercer foi azedando a alma nessa especie de calda de cultura que é o escarneo.

Victima innocente da sociedade, vingou-se satirisando as convenções e os preconceitos.

Eu contarei, um dia, a dolorosa historia dessa creança que se viu orfão na mais atroz das contigencias.

Por emquanto vou desentulhando do calhamaço que elle intitulou "O Elogio do Odio" as "boutades" e observações que me parecem mais proprias a revelar-lhe o perfil moral e intellectual.

Muita cousa digna de ler-se ficará, por emquanto, inedita. Esta é uma revista de actualidades que se destina a uma sociedade elegante, polida e religiosa e, porisso mesmo, de ouvidos delicados e *prudes*...

Tem a palavra o dr. Josias.

***

EU — Aos dezoito annos, eu sentia-me um talento e não o era. Sentia-me, pela multiplicidade de sensações que recebia, pela variedade de emoções que era capaz de analysar pela quantidade de relações que descobria nas cousas onde, em geral, os outros não percebem nada.

Não o era, porém, porque percebia-me incapaz de exprimir com justeza e com precisão essas mesmas impressões: a frase brotava dura e angulosa, os periodos emperravam, em rythmos desengonçados, não raro em dizer cousas differentes das que eu pensava.

Aos trinta annos todo o mundo me chama de talento e eu sinto que já o não sou. Falta-me agora, que tenho a facilidade da expressão, o poder de analyse antigo e a maleabilidade das emoções. As que sinto, hoje, só vibram de accordo com o modulo e diapasão do *sensorium* que se formou em mim. Disciplinadas, perderam a intensidade de outro tempo. Methodizaram-se, desgastando aquella parte de belleza barbara que lhes dava a liberdade ampla de um intellecto em via de formação.

Desgraçada contingencia humana! Dás, vez a vez, as qualidades que seria mister possuir juntas.

Quem me dera, com o actual poder de expressão, a logica, a analyse, o raciocinio dos vinte annos!

***

O ELOGIO DO ANONYMATO — Discutamos, á boa maneira da Edade-Media, de viseira calada e deconhecidos. Dispensemos os adjectivos brilhantes com que se brindam as adversarios.

O cavalleiro antigo valia pelo braço agil com que empunhava a lança, pela destreza com que aparava e desviava os golpes como pela violencia e precisão das arremettidas.

Que lhe valia o rosto ou o nome?

MEIA-VERDADE — Ha, para certas mulheres, alguma cousa de mais profundo que a recordação do primeiro amor: é a do primeiro amante.

***

AINDA EU. — Espirito eminentemente negativo e, em consequencia, analysta, conhecendo o fim de toda a obra humana — que outra cousa não é senão a lucta para minorar os nossos soffrimentos ou para esquecel-os — eu comprehendi sempre todo o mal que causava aos outros o meu pessimismo risonho.

Pessimismo risonho, sim! que eu sempre fui alegre e sadio, facil ás expansões joviaes do espirito e ás emoções sinceras e doces do coração. Eu sentia tudo o que os outros sentem. mas, intellectualmente, permaneci um meio termo entre o humorista e o tragico. Era capaz de commover os outros pelo meu estilo nervoso, agil, sentimental, era capaz de impressional-os vivamente, envolvendo-os numa rêde de explosões dos sentires, arrastando-os até a mais alta comprehensão do dramatico... Mas quando chegara a esse ponto, a zombaria brotava de minha alma como uma imperiosa necessidade e eu ria de ver sensibilizados os outros com aquillo que contara, que tambem me commovia, mas que não devera ser revelado a outrem...

OS PRINCIPIOS DO METHODO. — O que sempre revoltou, em todos os crentes, a seita que os outros professam não é, verdadeiramente, porque o corpo de doutrina não seja o mesmo. E' porque o idolo é differente. Entre a estatua de um Buddha e a de um Christo ha diversidades essenciaes...

Nem foi por outra cousa que nas escolas se impoz o methodo objectivo.

***

Está conforme.

SUD MENNUCCI

PORQUE?

Porque é que eu soffro e um pranto tão ardente
Me corre pela face amargurada!?!
E aqui dentro de mim, toda frementе,
A minh'alma soluça espedaçada!?!

Porque é que eu scismo em vão perdidamente
Em scismares que ficam sempre em—nada!?!
E porque é que levo eu, continuamente,
Aos meus labios a taça envenenada!?!

E' que, lendo essas cartas que escreveste
E lembrando as palavras que disseste
Num tempo em que foi grande o teu amor,

Eu me lembro do affecto que esqueceste.
A paixão que perdi e que perdeste
Já foi uma roseira que deu flôr.

Suzanna de Campos

PAISAGEM

Ar parado.

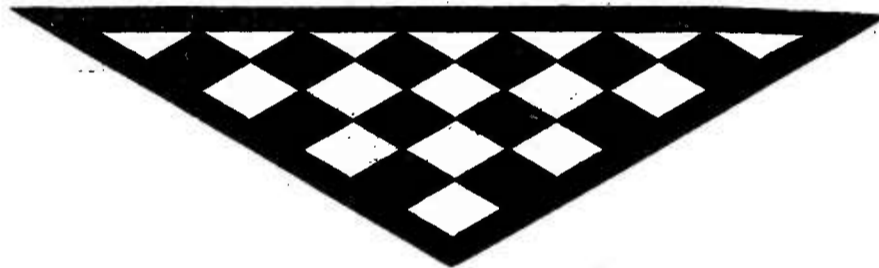
Quentura.

Longe, em baixo, na estrada áspera e curva,
um carro-de-boi que arrasta pelo chão
o gemido langoroso das rodas...

Mais perto, mais alto,
o capim sêcco, fôsco, amarelecido,
e cabras imoveis dormindo o sôno manso da inconsciencia...

Junto á cerca de taquara,
o sol bate de cheio numa lata.

(...e os roceiros ingenuos que passam
dizem que é perigoso,
que "dá ar" e "deixa a cara torta"..)

Paulo Mendes de Almeida

AMERICO NETTO

Quando tiravamos o decimo sexto do bonequinho fomos surprehendidos, aqui na redacção, com a noticia de que Americo Netto, que viajava de automovel para o Rio de Janeiro, soffrera um desastre, e se achava, em estado quasi desesperador, na Santa Casa de Guaratinguetá.

Estabelecida communicação telephonica com aquella cidade, desfez-se logo a nossa apprehensão. Pouca coisa, na verdade, acontecera. Apenas o auto em que elle viajava dera uma forte combalhota, em virtude da qual Americo Netto tinha uma das mãos arrebentadas e grande fractura na testa. Coisa de somenos, como se vê, para quem, como o Netto, anda querendo bater o recorde de desastres, que, parece, se encontra, ainda, em poder do real Principe de Galles.

Hoje, já entre nós, completamente restabelecido, Americo Netto, daquelle accidente, não se esqueceu apenas da sua companheira de viagem. E telephona para o Rio, a perguntar como está a Alice Splatzer, que, aliás, vae indo, tambem, ás mil maravilhas.

Cartas de João d'Ether

por Pedroso d'Horta

VII

Amigo!

Sou o campo e o premio de uma lucta absurda. Subjectiva *já* se vê. E' que eu não sou um - sou dois! João d'Ether é apenas o resultado da somma: João poeta, mais João philosopho. João philosoho nasceu graças aos desatinos de João poeta, nasceu para substituil-o e para fazer a felicidade de João d'Ether moradia dos dois. Vencido numa derradeira e ingloria aventura sentimental João poeta se entregou, com humildade e perfidia, ás mãos generosas e vencedoras de João philosopho. E este concedeu-lhe vida.

> — Você fica ahi, irmão romantico, descansando nesse canto para me doirar os tedios".

E durante quinze annos João poeta encolheu-se, precavido, para resurgir, hontem, complicado e ridiculo, quando a tarde morria.

Garanto-lhe, meu amigo, que o cahir da noite foi absolutamente identico aos mais crepusculos da semana. Eu, entretanto, achei a agonia da tarde feita de suavidades raras e tintas exquisitas, João poeta accordára! E os olhos myopes cheios de ternuras descabidas, e o coração arrepiado de sensações anachronicas coloriram as cousas para embevecimento deste cerebro, desprevenido e senil!. E João poeta sonhou torpezas enquanto a noite amortalhava as cousas. Elle recitou, commovido e asthmatico, os lindos versos de Goethe:

> Venez, illusions!... au matin de ma vie,
> Que jaimais á fixer votre inconstant essort!

E pensou que se as illusões voltassem elle poderia amar os tristes olhos italianos de Marcia Zuppa Freda. Dessa Marcia roliça, orphã, vaidosa e tragica que as desastradas mãos da cozinheira Anastacia trauxeram para o sitio, numa manhã brumosa e fria.

Eu me levantára apenas. Tinha o cerebro cheio de vapores e a bocca de bocejos.

As minhas velhas carnes resguardadas do vento por um casaco macio esperavam, no terraço, a hora reconfortante do primeiro café.

E' essa uma das grandes volupias da minha vida placida de viuvo philosopho e guloso. Levanto-me cedo nas manhãs de inverno, e vou, arrepiado, ver a briga, nos campos, de um sol indeciso com as nevoas matinaes.

Anastacia, nesse dia, me chamou mais cedo com entonações amaveis na garganta rouca.

Na cozinha grande, honesta, respeitavel e sympathica, uma chaleira dagua dansava sobre uma espiriteira nova. O leite, já fervido, tinha suspiros gordos, que se desenrolavam em fumaradas calidas e gostosas.

O coador no bule, a lata de café ao lado, e sobre a toalha limpa, um pão tostado e morno. A manteiga, o queijo, o assucar e. a minha fome.

Dou-lhe o scenario porque só elle explica a caridade christã com que recebi o pedido de Anastacia.

Tanto é verdade que o homem feliz tem prazer na felicidade alheia.

Iniciada a refeição Anastacia rodeou-me das mais sollicitas offertas dizendo por fim que queria um favor. Fácil e util porque a sua concessão certamente me valeria o céo. E trouxe, puxado por dois lindos e nús braços morenos, o resto da minha entrada no reino da bemaventurança. E o resto, meu amigo, era o corpo moço, delgado, appetitoso e infeliz de Marcia Zuppa Freda, sua afilhada, para quem Anastacia pedia agasalho. A cozinheira foi loquaz. Tanto e tão bem falou que não houve como resistir-lhe.

Marcia habita minha casa, ha dez dias. Sua vida é um tecido de tragedias que ella me contou com simplicidade e graça.

Marcia é uma creança de 20 annos rude e ingenua, que ignora a malicia dos homens e as ciladas da natureza.

Tão pura é, a pobresinha, que lhe tendo certa vez uma roseira insolente plantado trez espinhos no collo delicado e virgem, me pedio que os tirasse. E *já* se dispunha a abrir a blusa quando o previdente João philosopho gritou por Anastacia e entregou, á preta, a moça desapontada.

Marcia sahe commigo, em longos passeios pelo campo, e ao meio-dia, quando o sol nos queima, deita-se ao meu lado e dorme normalmente.

E' destes incidentes meu amigo, o resurrecto João poeta tirava motivos de sonho.

> "Venez, illusions!... au matin de ma vie,
> Que jaimais á fixer votre inconstant essort.

E o torpe revio no claro escuro da floresta, a garganta redonda, os cilios compridos e as pernas roliças da moça deitada. E revio os seios pequeninos que se elevavam e abaixavam, compassadamente, e pensou que se as illusões voltassem elle poderia amar tudo aquillo. Elle poderia machucar aquelles labios vermelhos em que um mosquitinho poisára e pensou muitas outras cousas.

Foi senão quando... Calchas latiu e o João philosopho accordou para verificar, antes do mais, que *já* era noite fechada!

E como elle olhasse para o outro, envergonhado, o poeta chorou. Ah! meu amigo, que cousa perigosa o chôro dos poetas velhos.

Porque João poeta, canalha, não renegava o sonho, lamentava o physico. Via-se velho, via-se feio, via-se gordo e.. rico! "Velho e rico" gritava João poeta, amalucado, até que João philosopho o submetteu.

Mas custou, meu amigo.

Cheguei em casa á meia-noite, onde, por tão pouco, a cozinheira e a... orphã, sem nenhum tacto, incommodavam toda a côrte celeste!

Anastacia passou-me uma descompostura, Marcia, os olhos cheios de lagrimas, deu- um beijo filial e... tudo acabou assim.

Levantei-me tarde, hoje, e li Marco Aurelio. Estou resolvido a dar uma pensão á menina e mandal-a embora. E' possivel tambem, que chegue até S. Paulo. *Velho e rico a capital me pertence.*

"Quand même la vie est bien bête" dizia uma ruina de mulher que me parecia estupida e que conheci bem moço!

Do teu

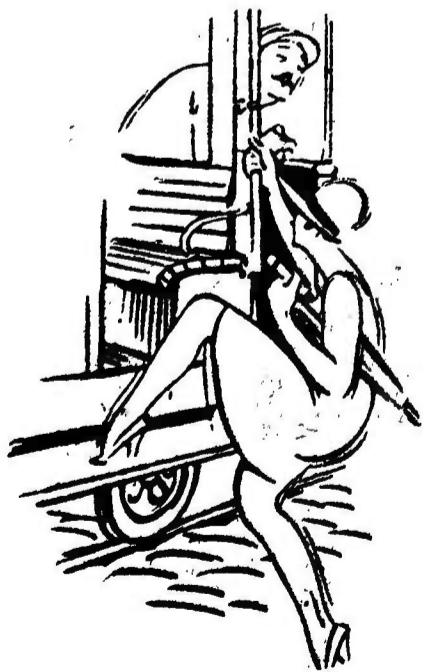
JOÃO D'ETHER

GRAÇAS AO DIABO

24 de Agosto. Diz o kalendario que é dia de S. Bartholomeu, e a lenda, que, hoje, anda o diabo ás soltas.

Pensava eu nisso, quando ouço a voz do garoto que me vende os vespertinos. Nem de proposito. Com estes vem o "Diabo", que o pequeno me traz. Lanço-lhe, logo, olhos de feminina curiosidade, sem o menor receio. O diabo sempre se deu bem com as mulheres. Ellas foram-lhe sempre poderosos auxiliares. Examino-o. Não tresanda a enxofre, mas cheira, levemente, a tinta nova de typographia. E' diabo moderno, elegante como convém a todos os de sua estirpe, espirituoso e folgasão. Não se parece nada com aquelle que o Goethe nos deu, com o nome de Mephistopheles, um dos muitos que o tentador usa; diabo allemão, philosopho, generalizador e sarcastico, que, sob a figura de enorme cão negro, se apresentou ao Doutor Fausto, para entrar-lhe no laboratorio, não tanto por precisar do disfarce, mas antes, ao que parece, por advinhar (não fosse elle o diabo) que, um dia, illustre academico, grande sabedor de cousas germanicas havia de dizer que o nosso sertanejo do Norte é que associa a figura diabolica á do cão, symbolo de fidelidade. Não é nada disso o novo "Diabo". Alegre, buliçoso, beliscando ali, alfinetando acolá, rindo sempre um riso ironico. Não pretende corromper as almas desta bonissima e ingenua cidade, porque, mesmo ao diabo, seria impossivel a empreza, pois isto aqui é um ninho de virtudes a toda a prova. E' um diabo differente dos outros. Um diabo escanhoado, empoado, perfumado a Violet, que "faz as unhas", emquanto os outros as cravam, cruelmente, nas carnes sensiveis das pobres Margaridas.

Deixo-o aqui a meu lado. Lá fóra a chuva cae torrencial a estalar nas calçadas. A humidade invade-me a sala, envolve-me, entorpece-me os musculos, faz-me hirtos os dedos, empasta-me o cerebro. Que frio incomodo! Emperra-se-me a penna. Nem uma idéa. Que fazer?

Eureka!... A visita do "Diabo" já me dá para algumas tiras. Porque não ha de dar para outras? Torno, pois a olhar para elle. Agora com olhares supplices de quem pede soccorro. Vejo nelle, então, tres medalhões, dois me representam pessoas conhecidas, Madame Curie e a professora Daltro, no outro diviso uma mulher nua, coberta apenas por leve "maillot", sem mangas e sem pernas, inteiramente molhado. E' Miss Ederle, a nadadora. Fito mais a apparição e descubro-lha esta legenda — Diversos aspectos do feminismo — Sorriu-me agradecida. E' isso mesmo, generoso "Diabo". O assumpto está muito batido, mas sempre é um assumpto.

São tres typos em flagrante contraste. Um o da mulher que honra o seu sexo pelo talento e se eleva pela cultura, pelo trabalho, serena, respeitada. Não se candidatou ao Conselho Municipal, nem deblaterou em "meetings". Fez-se admirar pelo seu valor real, pelo seu grande merecimento. Discipula e esposa de um grande sabio, associou-se-lhe nas portentosas descobertas; viuva, continua-lhe a obra, guarda-lhe a gloria, e o substitue na cathedra que elle tanto illustrou. E' o de Madame Curie, a mulher sublime, que, ora, nos visita. Só o radio bastaria para immortalisar o nome desse casal bemdito.

O outro é de uma senhora bem intencionada, que quer salvar damas e donzellas por meio do "escotismo". Dil-o, numa entrevista, ultimamente publicada, que é por ahi, pela formação de batalhões femininos, sob seu commando, que ella conseguirá arrancar algumas mulheres á escravidão antiga, á subserviencia conjugal, á incapacidade de viver por si, á ignorancia dos negocios, ao alheiamento dos interesses publicos, e afastar outras dos bamboleios indecentes de dansas lubricas, tirar-lhes a grossa mascara de pós e cremes, e cobrir-lhes o corpo hoje desnudo. Sonho, devaneio, fantasia?. Em todo o caso vontade de fazer alguma cousa.

O terceiro é o da americana que atravessou a Mancha a nado, dando, assim, tremenda prova de valentes musculos. Metteu num chinello a melhor barca da Cantareira. Trocou a feminina ambição de ser irresistivel pela de ser resistente. Mostrou que o valor da mulher tambem pode ser medido por uns tantos H. P. Não se pode querer mais.

Mas já outras figuras apparecem. E' uma vasta galeria de mulheres com as quaes nos acotovelamos, a cada passo. São os expoentes das outras multiplas manifestações do feminismo. Umas entre Madame Curie e a professora Daltro, pendendo, algumas, muito mais para o lado desta. Outras, entre a professora e a nadadora. Dessas, do segundo grupo, uma faz caretas, tem olhos de brilho febricitante e olheiras pisadas, roxas, quasi negras, como bellezas de um "Match" de "box", outra fuma, como um pelintra de cinema, outra desengonça-se, ao geito de quem aperta fortemente um corpo contra o seu. Outra. outra... Todas as que julgam que a libertação e o engrandecimento da mulher está em fazer o que ellas fazem. Todas teem cara de rapazes. Começam a tomar relevo. Crescem. Parece que estão vivas. Falam estas, gritam aquellas, gesticulam todas... Ai! que medo!

Gracejei demais com o diabo. Não me vá elle fazer das suas... Toda eu tremo... Abre-se-me a porta. Quasi desmaio... Felizmente é alguem que chega á sua casa, Recobro o animo. Agora já não estou só. Volto, então, a folhear o "Diabo", o brilhante periodico. Nada lá estava do que eu vira. Tudo méra allucinação. Não me deu a ganhar para o sustento, mas sempre me forneceu materia para uma chronica. Com este frio só o "Diabo" conseguiria o milagre.

ALBA DE MELLO

"PHENOMENOS REFLEXOS"

São sempre as affirmativas dos medicos, ao auscultarem os seus doentes que se queixam impressionados, de dôres, aqui, ali, acolá.

Pois bem, muitas vezes, observamos isso mesmo nas varias modalidades da actividade humana.

Não deixa de ser um phenomeno reflexo a preferencia do publico que necessita qualquer artigo no genero religiôso; phenomeno reflexo da actividade e attenção dos dirigentes da Casa Santa Ephigenia, sita á rua do mesmo nome n. 45-A, phone 2-3946. Sortimento inegualavel em artigos religiosos em geral. Livros, santinhos, paramentos, alfaias, jarras, palmas, estampas, estandartes, filôes, imagens de todas as invocações, e tudo o mais concernente ao genero.

Tudo bom, e a preços rasoaveis.

M. SILVA & Cia.

Hanno i tuoi occhi meraviglie erranti,
miracoli infiniti di bagliore,
talvolta, assorti in certi strani incanti,
immergonsi ne l'ombra e nel languore.

Entro le oblunghe pálpebre, vibranti
pétali azzurri di sognato fiore,
l'anima tua di bimba, ebbra di canti,
sovrana imperà e narra il suo candore.

Come un immenso gráppolo di stelle
ne l'ampia notte, per la volta austera
accende, roteando, luci belle,

cosi' la tua pupilla umida e nera
accende in me, nel mio cervello imbelle,
un rogo di stupenda primavera.

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I — 10 de Maio de 1928 — N. 17

DA BONDADE

— Mas, você foi máu, Antonio Ayres!

Ele parou, á minha esclamação, fitando-me longmente, e sorrindo o seu indefinivel sorrizo costumario, de uma piedoza ironia. Depois, continuou a caminhar, e, travando-me o braço, disse:

— Com que, então, eu fui máu!... Mas, que entende você da maldade ou da bondade? Você falou como toda gente falaria, porque ignora que os homens ajuizam sempre erroneamente da bondade ou da maldade de um gesto.. Sorri? Não crê? Ouça, então, meu amigo.

Como sabe, na vida, para que se esperimente uma sensação, é precizo possuir o conhecimento da sensação contraria. Não se póde gozar de um prazer, sem ter sofrido anteriormente alguma dor. E' mistér, sempre, um termo de comparação para o relativismo do nosso conhecimento.

Um termo de comparação... Talvez seja por isso, que os homens maldigam da Vida; porque não conhecem a Morte.

As vezes, a auzencia dessa pedra de tóque é adversa á felicidade; outras vezes lhe é propicia. Assim: tristes dos ditozos que nunca tiveram desventuras; felizes dos desventurados que jamais conheceram a felicidade!

— Não concordo. A lembrança de uma hora bôa, consóla-nos, travéz muitos anos máus.

— Engano seu, meu amigo. Dickens, numa de suas novelas, conta de um homem que, um dia, esqueceu todo mal que encontrara, para só recordar-se da felicidade que tivera. E aquele homem, desde aquele dia, foi o prototipo do infeliz, porque todas as sensações que esperimentava eram de dor, mesmo as que só lhe deveriam dar prazer.

O passado, — quem não o sabe? — é uma caixa de cristal feita com lentes de aumento: tudo o que ve para dentro, fica ezajeradamente grande.

Por isso, já dizia o Dante:

> "Nessun maggior dolor' que ricordar
> Del tempo felice, nella miseria"

— A felicidade, então...

— Consistiria em esquecer todo prazer fruido, para só recordar a dor que já curtimos. Vel-a-iamos tão grande, dentro do passado, que comparada a ela, até a desventura prezente seria felicidade.

Depois de um cópo de fél, a zurrapa mais vil e mais amarga, sabe á ambrozia.

— Portanto, a bondade..

— Está, inteira, nesta maxima: Si não puderes dar a alguem uma felicidade perene, faz com que esse alguem sofra tanto, que tudo o que lhe advenha seja um prazer comparado á dor que lhe cauzaste.

Ora, como é muito dificil, é mesmo quazi impossivel tornar um ser eternamente venturozo, sejamos bons, espalhando a dor em volta de nós.

E, quando alguem nos pedir um beneficio, tenhamos a suprema bondade de negar-lh'o.

* * *

Antonio Ayres calou-se, e seguimos em silencio, um silencio de amigos intimos, em que eu ia ruminando essas coizas estraordinarias que ele me dissera.

Naquella noite, que era de junho e muito fria, tombava uma garoinha fina que punha um leve brilho nas calçadas, e um halo amarelado em torno ás lampadas eletricas.

Eram trez da madrugada, e a cidade estava quieta.

Raros tranzeuntes, de longe em longe, passavam em passos estugados, muito encolhidos nas suas capas, sob a garôa.

Fronteavamos um arranha-céu, quando, de um dos seus angulos, uma descarnada mão, e tremula, se estendeu para nós, e uma voz humilima implorou: "Uma esmola, pelo amor de Deus. "

Antonio Ayres deixou cair naquela mão, um niquel de mil réis, e, depois de alguns passos, num grande desconsôlo rezignado, murmurou para o meu sorrizo ironico:

— Afinal, a maldade, no homem, é instintiva, meu amigo.

MERCADO JUNIOR

MASCARA DE COLOMBINA

O que pensa titia Polycarpa

Vocês, decerto, não conhecem titia Polycarpa, e não pódem mesmo conhecel-a por esta razão muito simples: a respeitavel senhora, ha cerca de 20 annos, não põe os pés fóra de casa, e não recebe ninguem na sua intimidade, a não ser eu, o seu sobrinho predilecto. Tambem, se por acaso, vocês vierem a conhecel-a, ella não lhes interessará, com certeza. O seu aspecto pode, é verdade, provocar-lhes hilariedade, que a pobresinha está muito longe de se parecer com a Venus Callipigia.

Tem sessenta annos e nove mezes, um ventre de banqueiro allemão, um buçosinho amarellecido, destinado pela providencia divina a separar um nariz atrevido, discretamente volumoso e côr de pimentão, de uma bocca, na qual trez ou quatro dentes passam o tempo a dansar o "charleston". Usa oculos escuros, soffre de gotta e de melancolia, masca tabaco como um frade, bebe egual a um presidente de liga antialcoolica, e quando dorme o seu ronco é mais barulhento do que um orgão, ou do que uma locomotiva: e, além de tudo isto, é calva e não quer saber de cabelleiras postiças.

Entanto, ao par de tantas qualidades negativas, titia Polycarpa possue uma positivissima, que a eleva infinitamente no meu conceito, e que me faz até apresental-a agora a vocês, na certeza de que terão por ella grande interesse. Titia Polycarpa é uma pensadora, caso muito mais unico do que raro, se considerarmos que ella pertence (malgré tout...) ao bello sexo, o qual possue todos os habitos, menos o de formular raciocinios.

Entre um pouco de tabaco e um outro pouco, entre dois dedos de pinga e um calice de cognac, titia Polycarpa rumina curiosas e originaes reflexões, suggeridas na sua maioria pelas observações accumuladas num passado remoto, no qual ella não ficava interminavelmente em casa como o faz de 20 annos para cá — nem se limitava a receber apenas um sobrinho...

Muitas vezes, estas reflexões me surprehendem pelo que conteem de verdades simples, e tanto é assim que me resolvo a publicar algumas dellas furtivamente, sem que titia Polycarpa de nada suspeite. Porque, se ella viesse a saber disto seria capaz até de por um fim á sua voluntaria reclusão para ir ao tabellião, onde annularia o testamento no qual sou contemplado...

* * *

O homem-dis titia Polycarpa é — tão canalha que supera até o crocodillo.

Este, ao menos, não estende a pata ao seu semelhante depois de lhe ter roubado a mulher, ou depois de lhe ter devorado, os filhos; o homem, ao contrario, é muito capaz de arruinar da maneira mais repugnante o seu melhor amigo e, abraçal-o, em seguida, si o encontra na rua cinco minutos depois da trahição.

Dois grandes erros commetteu o bom Deus no exercicio secular do divino poder: o de crear os bipedes racionaes e o de conceder-lhes a palavra.

O primeiro serviu para tirar a tranquilidade aos irracionaes, e o segundo permittiu que se diffundisse no mundo uma infinidade de bobices e de infamias, cada uma maior do que a outra.

Não falemos, pois, das mulheres, continúa titia Polycarpa.

E' natural que se o homem é um monstro, a mulher, que nasceu de uma costella delle, não lhe pode ser superior. Ella tem, como unica desculpa, certa debilidade phyisica, que perderá dentro em vinte annos, si se generalizar entre o bello sexo o habito de fortalecer os musculos, praticando o box, e treinando para os Olympiadas esportivas.

Toda a intelligencia das mulheres consiste na arte de torna mais desejavel a sua belleza, se são bellas: e na de mascarar os defeitos do rosto e do corpo, se são feias.

Toda mulher é sempre um "bluff": isto é, é sempre muito menos interessante do que parece á primeira vista.

Entre as virtudes caracteristicas, possue a do camaleão: troca de côr, conforme as coisas nas quaes pousa. "C' est a dire" tem sempre uma mentira differente para cada situação diversa.

Entre os defeitos innumeraveis, que lhe são peculiares, o menor é um egoismo collossal. Digo menor, porque commumente o egoismo feminino caminha parallelamente ao egoismo masculino: em consequencia, não dá muito na vista...

Concluindo, accrescenta titia Polycarpa, a humanidade, em conjuncto, não vale o bico do mais estupido dos papagaios das florestas brasileiras.

Odial-a? Nem por sonho. O odio em si é um sentimento, e sentimento para tão reles objecto seria desperdicio.

E, então? Interessar-se o menos possivel pela humanidade: é a gente se contentar com o "cognac" e com o tabaco que se masca, tolerar um sobrinho vagabundo e cabeça de vento, egual ao meu, sem lhe pedir mais do que elle pode dar: um quarto de hora em cada mez, quando mais não seja, para justificar a herança futura.

Vivendo assim, vive-se em pas.

Isto, leitores, é uma "exquisse" do que pensa titia Polycarpa.

Que acham vocês de certas reflexões? Um pouco pessimistas, na verdade, mas, no fundo...

CESAR RIVELLI

Grupo tirado por occasião do almoço offerecido ao embaixador Rodrigues Alves, por alguns membros da Caravana Medica que visitou a Republica Argentina.

SUPPLICA

"Gloria a Deus nas alturas . .
Gloria ! Gloria ! "

Senhor! Senhor!
Tende compaixão de mim!
Eu tenho tão bôa vontade . .
Senhor de misericordia,
Aliviae a minha dôr!
Eu vivo immerso num cháos profundo !. . .
Ninguem me comprehende,
Senhor!

Vós que soffrestes
Por muito ter amado,
Vós que viestes
Ao mundo remir nosso peccado,
Apagae o brazeiro
Do meu peito!
Arrancae do meu peito
O coração!

Senhor amado,
Tudo me falla ao coração!
E Ella, Senhor?
Ella,
Aquella que ha de ser
Minha companheira
A vida inteira,
Não me appareceu!. . .

Senhor, dae-me paz!
Eu amo a natureza!
Eu adoro o tempestade,
Senhor!
Na furia dos elementos,
Eu vejo
A tragedia de mim mesmo. . .
As ancias do meu desejo!

Conheço tantas,
Meu Deus!
Afastae-as do meu caminho!
Mandae-me a Bem Amada,
Senhor!
Eu vos supplico de joelhs. . .
Perdão, Senhor! Perdão. . .
Eu amo, e não conheço o Amor!

DE LIMA NETTO

Si Schop-
ainda
diria, cer-
"A mulher
de cabellos,
de vesti-

-enhauer
fosse vivo,
-tamente :
é um animal
de ideias e
dos curtos".

Club das Perdizes

Sabbado — 28 — Club das Perdizes — Jazz — Dança — Flirtes — Namoros — Talvez, aqui e além, algum amor anachronico — Alegria — Toda gente mostrava os dentes — Depois... depois, trez e meia — E acabou a festa do club que fazia trez annos, e a quem "Arlequim" foi dar os parabens.

Se 7 não fosse conta de mentiroso, Arlequim affirmaria que estas eram as 7 moças mais bonitas das Perdizes.

No Club das Perdizes, uma trinca de damas em que se vê, á esquerda, uma lindissima miniatura de moça linda e "mignon".

Ainda no Club das Perdizes.

FESTA DAS AVES

Um lindo grupo de creanças lindas

Aprendendo a ser bôa...

TAÇA

Ella era ainda jovem, como a madrugada que desponta, e pura, qual a briza que a refresca. Tinha, na candidez do rosto, o reflexo de um poema; nas mãos, o velludo das rosas. Era a mocidade em vida, em exhubcrancia; — um ninho de amor.

Ao longo da estrada de sua vida, a miseria se casara á resignação, como para solidificar-lhe a virtude. De um lado, a natureza dura, que transforma em desenganos os castellos do pensamento. Do outro, a mesma impiedosa força sobrenatural, que dá a belleza, para humilhar-lhe, talvez, o corpo, ao contacto do vestido rôto.

Quando olhei para essa formusura em flôr, para esse lyrio partido, que não gemia, que não chorava, e contemplei a vastidão esteril do caminho aberto á frente da sua juventude, senti a brutalidade do destino. A sêde de uma tortura bem comprehensivel, cujo brado sahia-lhe com os suspiros, ella á procurava calar, com uma gotta de orvalho, — o seu sorriso.

Ainda assim pobre, sem vaidade do seu encanto, tinha, bem fechada no peito, uma paixão rebelde, um amor que afoga! Mas Elle, Elle, nunca contemplara o seu rosto, porque os seus olhos não fugiam do vestido velho...

Um dia, a viram fugir de uma casa, com a mão direita ensanguentada, retalhada pelos vidros quebrados de uma taça, que os seus dedos não queriam largar.

Uma ladra!... E arrastaram pelas ruas, como um feiche de galhos seccos, esse encantador bouquet de flores, ella, a menina que tinha, no rosto, o reflexo de um poema.

No carcere sombrio onde fôra atirada, ainda se lhe via o leve arquejar do peito. Victima da mesma natureza que lhe dera o corpo de arminho, morria alli, pelo coração, a mais santa flôr do sertão com os cacos de vidro a repousarem entre os labios, já pallidos, e a mão cortada...

O amor tem dessas coisas. Matou-a, porque, para sentir o contacto da bocca do seu bem amado, ella se atrever a aroubar a taça de que Elle se servira para brindar a noiva, uma menina que não tinha o vestido de retalhos!

BRAZ GLETE

Na Praça do Patriarcha

Soltando os passarinhos

No Jardim da Luz

A Kermesse do Belemzinho.

Mira, que niñas !...

SAUDADES

(Sinto-as doentias e irritantes a extinguir minha vida num desejo .....)

Saudade!... é uma expressão toda nossa, cheia de poesia que exprime os mais reconditos sentimentos de duas pessôas que se estimam verdadeiramente quando, por acasos da vida, vivem separadas.

Saudade!... é uma palavra que não se traduz... só pode sentil-a o coração brasileiro.

Saudade!... desejo inexplicavel que se apodera de um ser quando, afastado da pessôa que verdadeiramente ama, deixa vacuo immenso no coração, nostalgia infinita, tristeza insondavel na penumbra da vida... ansia louca de vêr a quem se ama... Saudade!... Porêm, as saudades que eu sinto agora não são de um irmão, de uma amante, mas de ti meu amigo de ha tanto tempo... Qual o fim da vida? A Morte!... Uma amisade, são duas vidas condensadas num só sentimento... Os corpos, quando separados, se extinguem na sepultura do esquecimento... O esquecimento é a morte da amisade...

As Saudades!... são o elixir da vida, que resuscitam recordações passadas, vivendo-as num desejo irritante e doentio, fazendo uma segunda Morte... A Morte da alma!... Então as saudades tambem matam e matam de desejos... Matam, porque as saudades são verdadeiras e neste mundo só ha uma coisa verdadeira... A MORTE!...

XIMENO

Kermesse do Belemzinho. Barraca Portugueza.

Moças que fizeram parte da Barraca Hollandeza, na kermesse do Belemzinho.

12 horas. Hora da missa. Hora galante em que a igreja de S. Bento transfigura-se como que por encanto, n'um maravilhosa mostruario de "magazin" E' a hora da missa apparatosa em que Paquin mais se popularisa, com a exibição alacre e vária de suas ultimas creações. E que Guerlain. irreverente, profana, com suas subtis e estonteantes essencias, a onda mistica de incenso que se evóla em espiraes para o céo.

Em pouco, toda a sobriedade e quietude que ha sobre os altares. desapparecem como por um effeito magico de luz,

Inutilmente collados aos olhos sãos, vêm-se "l'orgnons" que se cruzam em todas os direcções, bisbilhoteando com uma afflictiva e impertinente curiosidade, as "toilettes" dos "manequins".

Por d'entre as bolsas que se abrem, oh santo Deus! em que peccaminosa promiscuidade: terços e "battons", livro de orações e caixinhas de "rouge" e de pó de arroz e. . (perdôe-me a indiscrição), envellopes perfumados que fazem logo advinhar uma dôce pagina amorosa...

Ha mãos finas, transparentes, que se erguem para o céo n'uma attitude estudada, para maior realce dos dedos scintillantes de pedrarias.

Por sobre decótes audaciosos, perturbadores, ha uma chusma indiscreta de olhares gulosos. Sãs olhos travessos que se não sabem conter e que irriquietos vão se dependurar nos collares, em gymnasticas malabaristicas.

Trocam-se cumprimentos e palavras ligeiras entrecortadas de risinhos amaveis e ás vezes maliciosos.

Por toda a parte ouve-se um borborinhar abafado de criticas.

— Que horror! Veja como engordou a Elzira! Coitada! Aquillo já deve ser doença.

— Pudera, se não faz regimem; come de tudo.

— Como a Dinah não tem vergonha de sahir á rua com aquelle coscuseiro na cabeça?!

— Quem é aquelle rapaz "succo" que está com ella?

— E' o noivo. Mal empregado, não?

— Olhe aquelle de calças "charleston" que está alli, foi o meu ultimo "flirt" de domingo passado no Paulistano.

— Que?! Aquelle olho de peixe morto?!

...E a missa prosegue... E os santos no isolamento de seus altares, ficam esquecidos... Mas tambem que cousa semsaborona. o contemplar-se sempre aquelles mesmos vestidos rijos e compridos! Para que elles fossem lembrados e admirados, seria preciso que, acompanhando as evoluções caprichosas da moda, trouxessem todo domingo (oh suave e compensador sacrificio!), um lindo vestido novo.

QUARTERNAL

Outro grupo tirado por occasião da kermesse do Belemzinho.

Enlace

Ancona Lopes-Cyro Formicola

Na residencia dos paes da noiva, á rua Carlos do Pinhal n. 40, realizou-se no dia 26 do mez passado de Abril, o enlace matrimonial da senhorita Maria Iracema Ancona Lopes com o distincto professor sr. Cyro Formicola. A noiva, que pertence á nossa melhor sociedade, é filha da sra. Anna Zendola Ancona Lopes e do sr. Nicolau Ancona Lopes, e irmã do dr. Vicente Ancona, ambos nossos prezados collegas da redacção do "O Estado de S. Paulo".

Um grupo tirado após a realização da cerimonia, vendo-se os nubenti rodeados de diversas pessoas que os foram cumprimentar.

A' sahida da missa de Santa Cecilia

—Ah, minhas meninas, si voces soubessem que voces são o encanto das tardes do nosso centro! . . .

Sahem da missa a sorrir!
Como é bom, a gente conversar com Deus!...

Ainda em Santa Cecilia

ANITA ORIZONA

Anita Orizona, da companhia de Operetas Siddivó ora no Casino.

Foi um successo grande a interpretação que Anita deu ao papel de Capotte, uma francezinha endiabrada, na opereta "Cita' Rosa"

Anita e' uma bonequinha de lindos olhos negros, rasgados em amendoas tentadoras.

Eil-a, nesta photographia, vestida de creança, brincando com bonecos...

Nest outra Anita e' uma espanhola perigosa e bella que da' á gente uma inveja doida do destino dos chales!

COCAINOGATOMANIA

por

Mauricio Goulart

— Vamos andando. Esta garoinha faz bem á gente. No largo das Perdizes tomaremos um auto que nos levará á cidade. E depois, quem sabe si até lá poderei convencer você ás minhas theorias.

— A minha adhesão não valeria o seu trabalho.

— Você é um apostolo capaz de tornar victoriosa a mais estupida das religiões. Tenho pena até de não me lembrar agora de uma porção de adjectivos bonitos, para dizel-os todos a você. Não agradeça. Os homens precisam de uma vez abandonar estas etiquetas tolas... Você se lembra dos olhos brilhantes que a Lili tinha hontem ? Ando desconfiado. Mas, que importancia tem isto ? Se ella toma cocaina faz muito bem. Ella gostava delle, elle abandonou-a.

— E os olhos da Lili e o rabicho della pelo Oscar têm qualquer cousa de commum com as suas novas theorias ?

— Tem, e não tem. Espere. Você é capaz de distinguir daqui o numero daquelle bonde, lá longe ? E' o 35, não é ? Você tem boa vista. Escute. Sinto, esta noite, uma vontade damnada de andar. De andar muito, muito ! Afinal, dansar duzentas horas como o Charles Nicolas é pouca cousa. Eu seria capaz, hoje, de dansar quatrocentas, quinhentas, setecentas.

— Sem a minha companhia, naturalmente. Mas, meu amigo, estamos quasi na Avenida Agua Branca, e chegaremos depressa ao largo das Perdizes. Lembre-se de que até lá você me deve convencer á sua religião.

— Você já a pratica, decerto. Inconscientemente, talvez, o que é melhor, ainda. Não foi você quem me disse, outro dia, que os homens deveriam amar muito, comer muito, e dormir muito ? Pois pensando assim, você está quasi em condicções de ter um gato por symbolo.

— Um gato ?

— E'. Você se admira ? Ouça, então. Hontem, á noite, eu estava no meu escriptorio lá em cima em Villa Pompeia. Fazia frio e cahia do alto, uma garoinha fina, fina. Não havia estrellas no ceu, que estava escuro, e os meus olhos viam apenas, brilhantes como estrellas, as luzinhas da cidade, aqui em baixo. Sentia-me triste, e fiquei alegre, derepente. Lembrei-me de que estava sosinho, e recordei os philosophos e poetas que me garantiram tanta vez que só os tolos não amam a solidão. Rememorei num instante, uma a uma, todas as delicias que elles experimentavam, e comecei, eu tambem, a achar gostoso o abandono, no qual ninguem me via, ou ouvia, ou sentia. Mas, quando, meu amigo, eu estava assim, idealizando sonhos e construindo futuros, uns gatos assanhados começaram a me andar por cima do telhado. Senti-lhes as garras que roçagavam as telhas .. Ouvi-os berrarem pela noite a dentro, gostosamente doidamente, furiosamente... E comecei a ter raiva de estar no meu escriptorio, sosinho. A garôa continuava a cahir, fininha, lá do alto. Um vento brando acariciava de leve as folhas e flores do jardim. Espiei Byron que me sorria do alto de uma estante, e pensei que os moços não deviam ficar sosinhos nunca. Nunca. Odiei, então, o meu escriptoro, cheio de philosophos maus e livros inuteis. Detestei os homens, que estragaram a vida, enquanto os gatos continuam ainda a berrar, em cima dos telhados, gostosamente, doidamente, furiosamente.. E resolvi espatifar as estatuetas que possuo, os fetiches que me enfeitam a mesa, e os livros que me entulham as estantes. E no lugar destas inutilidades, porei gatos, muitos gatos. Vivendo e amando igual a elles, serei mais feliz decerto do que esperando que os homens fabriquem o super-homem, ou sentindo a vida "comme une tache dont il faut sortir laborieusement". Ah ! meu amigo ! os gatos é que são sabios. Elles nem ao menos desejam. Amam apenas. Amam e se entediam, e só o tedio nos traz felicidade, que elle é a certeza de que não queremos mais. De que já nos fartamos. Os gatos amam e se fartam.

— Mas, o amor.

— O amor são os cinco segurdos de delirio, durante os quaes a gente sente o infinito dentro da gente. A meia hora de abatimento que os succede não tem importancia : os cinco segundos tornam a voltar, e elles é que são o amor. O resto, meu amigo, será desejo, esterilidade, platonismo. Os gatos.

— Estamos no largo das Perdizes. Alli está um auto.

— Espere um pouco. Não é verdade que de agora em deante você vae viver egual aos gatos ?

— Mas, os seus olhos estão brilhantes como os da Lili, hontem. "Não se apaixonem nunca ! Não deseje m nunca !. "Frei Thomaz.

— Nada. Coisa de somenos. Foi um pouco de "poeira" que o De Lima Netto me deu.

Alice Spletzer que no elance subtil dos seus rithmos phantasticos deixou em nossos esthetas a suggestão helleni-ca de uma belleza su-perior. Agora, no Rio, Alice sente um vago "regret" da brumo-sa S. Paulo, que bem lhe lembra sua nevoenta germania.

CERAMICA DE PAIM

Afóra os documentos ceramicos encontrados no *mound* do Pacoval, seio da maravilhosa arte marajóara, que definem categoricamente a cultura do selvagem amazonense, tal como os maya e os aztecas, os incas e os aymaras definiam e ainda hoje reaffirmam a indole, a religião e os costumes dos primitivos habitantes do Peru e do Mexico, nada mais de notavel se tentou fazer nesse longo rosario de annos, pela ceramica do Brasil.

Eis que, porém, varrendo a poeira de indifferentismo e de inercia que nos separava da esquecida chronica archeologica onde o oleiro imperou com o kaolim e a tabatinga, e que já vae longe no concerto dos seculos, exsurge esse artista novo que vem reivindicar, dentro da epoca modernista dos Robj, dos Lalique, dos Gallé, o prestigio da ceramica, fazendo com ella renascer não só a velha arte adormecida, mas tambem a alma da patria que passa para o barro estylizada nos mil e um motivos que fazem o traço inconfundivel da sua personalidade.

A ceramica de Paim pode ser tida já como uma estrondosa victoria. A sua apparição inesperada, quando estavamos imbuidos das porcellanas de Gouda e das fayanças de Bordallo, calou fundo no enthusiasmo paulistano que, attonito, se abriu em exclamações ante o seu mostruario. E tão incisiva se fez a sua intromissão como arte e como originalidade que já são raros os exemplares que hoje ainda restam á venda.

Cada um dos pratos de Paim leva na tranquilla exposição dos seus desenhos e das suas côres, uma pagina illustrada da nossa vida, como realmente ella é, sem artificios, nem imitações, pura, agressa da terra com a ingenuidade pagã das coisas simples.

E ali estão, incomparaveis na sua bel leza decorativa, os tucanos; na sua constancia humilde, o tatu; na sua eterna galhofa, os macacos. E as onças, as cobras, os cararás, na fauna; as samambaias, as palmeiras, o urupê guloso, na flora. E de envolta com o scenario magnifico, esses typos fleugmaticos que enchem o cyclo historico da raça em todas as edades, o indio, o caboclo, o géca, o capoeira, o coronel.

Lá estão interpretando a doçura das lendas que as crearam, as arvores das patacas e das lagrimas; a historia da "moça e do gambá", do "gavião e da moça", estas duas ultimas mais remotas, com resquicios aborigenes que cheiram ao periodo pre-colombiano.

Embora, ás vezes, o desenho, na sua technica, se resinta de justeza, como o proprio Paim nol-o explica, não é entretanto ahi que reside a intenção da sua arte. Esta vive maior e mais soberba, mais viva e mais exacta, na idéa, na identificação do homem com a terra, na simplicidade verdadeira das paginas que copia, na sincera exposição das suas personagens.

Na sua collecção de pratos, Paim levou a trabalhar varios annos, pesquizando, coordenando, pintando. Era-lhe pois, necessario apresentar coisa que conquistasse sinão immediatamente o povo, na sua anonyma cohesão interesseira, pelo menos a intellectualidade. E o conseguiu plenamente.

Podemos assegurar que a exposição não terminou ahi, sobre os louros da primeira victoria. Outras se succederão, divergindo em aspectos, em forma, em trabalho, pois passando do barro simples á porcellana luminosa e fina, o autor, pretende estylizar em frascos, potes, pucaros, igaçabas, jarras, camafeus, bandejas, os elementos que continuará arrancando á natureza e á historia da sua patria grandiosa.

Aguardemol-o, pois, na sua nova phase, para que como hoje o fazemos, possamos dar-lhe, de novo, o publico abraço do nosso applauso.

MANOEL VICTOR.

Aspectos da exposição realizada, no Palacio das Industrias, sobre o patrocinio da Muse Italiche, onde se veem maravilhosos trabalhos de esculptura e pintura.

ABRIL

Não sei porque sempre achei tristes as tardes de Abril!

Quando os seus dias começam a morrer, sinto que o meu espirito os acompanha e que o sorriso dos meus labios volta á alma confrangida.

Era inda creança, quando o meu coração se abrio. A minha eterna paixão caiu sobre uma linda menina de tranças, loira. Tudo que havia em mim, de affecto e de loucura, curvou-se á luz de seus olhos.

Queriamos um ao outro como amavamos a vida, as suas lagrimas sahiam do meu pranto, e eu ria com a sua bocca.

Deixei-a n'uma dessas tardes de Abril, quando levaram-me para bem longe, onde, pela distancia, não me chegava o vento que emballava as suas tranças. onde a vida era um soffrer constante; onde a morte se confundia com a saudade.

Quando a minha juventude partio, voltei para minha amada. Vinha reviver o amor que nascera entre as flores de larangeiras do seu quintal e as espumas do mar com qne costumavamos brincar descalçados.

Bati á sua porta. O silencio implantara-se naquelle tecto de doces recordações, desde que o destino lhe apontara um longe desconhecido,

Meus pés, nos passos de volta, pisavam o meu proprio coração, a minha propria garganta, porque eu chorava no peito e não podia fallar. Pleno Abril.

* * *

Quando começo a recordar o passado, guardo as minhas lagrimas bem escondidas e, como para esquecel-o, pergunto a mim mesmo:

Não sei porque sempre achei tristes as tardes de Abril!

BRAZ GLÉTTE

Um grupo da artistas que concorreram a' exposição da Muse Italiche.

Raul Roulien, que estreará hoje, com Abigail Maia, no Theatro Apollo. Roulien é hoje, decerto, o mais sympathico dos actores brasileiros: educado em Buenos Ayres, continua a ser profundamente nacional.

E dizer-se que Abigail Maia fugiu-nos tanto tempo. . Mas agora ella volta. Vem mais fina, mais artista do que nunca. Traz para São Paulo, de mãos dadas com Roulien, um genero novo de theatro.

Desde já estamos batendo palmas.

Oduvaldo Vianna e Roulien assignam um contracto e formam a Companhia Brasileira de Sainetes. Juntos, elles se preparam para encantar o nosso espirito com as cousas lindas que nos mostrarão. Quadros Junior e Brasil Gerson espiam Roulien que escreve.

ELEGANCIAS MASCULINAS

Illustrações de J. G. VILLIN

LENÇOS E MEIAS

Os detalhes têm importancia fundamental na indumentaria masculina. Mais, mesmo, muito mais, até, do que na feminina, na qual é facil de conseguir impressionante effeito de conjuncto, dispensando, quasi, qualquer pormenor.

* * *

No paletó o detalhe que mais chama a attenção é o lenço, em regra geral usado no bolso do peito esquerdo de forma que se lhe vêem as pontas, quando não se derrama elle todo para fóra, a ponto de ameaçar cahir, o que é vulgarissimo. E neste lenço está a pedra de toque dos elegantes, pois muitos o usam de côres berrantes, fóra do tom geral do traje, muitas vezes fazendo coincidir o seu destaque com o de um collete de fantasia ou com o de uma gravata flamante.

O effeito, porém, precisa ser unico, para que seja realmente effeito. A flor da lapella, aconselhavel no ismôque e na casaca, tambem no paletó sacco, manda que se occulte o lenço do peito, até a minima ponta. O collete de fantasia, tambem. Até mesmo uma gravata mais vistosa
E não falta quem diga que uma polaina, de côr differente da calça, deva contribuir, ainda, para a rigorosa exclusão do quadradinho de panno que os nossos almofadinha tanto gostam de mostrar.

E como deve ser o desenho do lenço? A s riscas? Aos quadrados? Aos xadrezes? Em cores contrastantes ou na discreção do tom sobre tom?

Não é facil decidir. Pode-se dizer que em regra geral o lenço deve ter tamanho sufficiente, não sendo de dimensões inferiores a 40 x 40 centimetros. Para o peito o tecido será levissimo, seja seda, seja cambraia de linho da mais tenue, quasi imponderavel.

A côr do lenço convém que seja sempre mais clara que a do terno, salvo o caso especial do fato branco, que pede um lenço roxo fechado, laranja escuro ou azul ultramar. O padrão mais chic é o de quadrados e, na falta delle, o de xadrezes, cumprindo procurar sempre o agrado causado pelo tom sobre tom, isto é, pelos desenhos de côr

Note-se, á direita, o bello modelo de jaquetão, com a gola de entalhe alto.

Este paleto'-sacco fecha com trez botões, collocados bem alto. Note-se o collete direito.

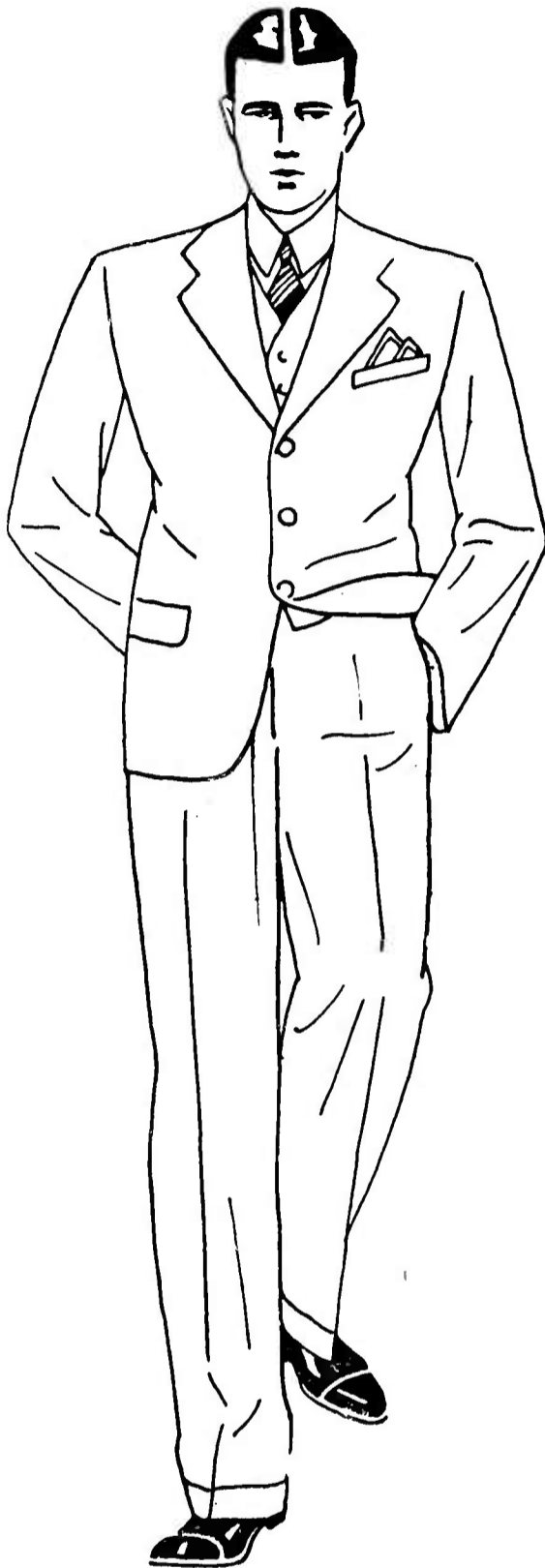
mais forte sobre fundo da mesma côr, mais claro, porém.

Fóra do lenço do peito, cujo fim é mais ornamental do que util, o lenço para outros serviços deve ser usado no bolso trazeiro direito da calça, a despeito de muitos requintados elegantes recommendarem usal-o mettido na manga esquerda do paletó, entre o punho e o pulso, no que ha reminiscencia de costume militar.

***

Falemos agora das meias. São outros accessorios importantissimos da indumentaria, tão mais importantes quanto hoje já se universalisou, com algum prejuizo da verdadeira elegancia, a suppressão das botinas, reinando em absoluto os sapatos de córte raso.

As meias devem ser sempre mais claras que o terno, salvo o caso de ternos pretos, de cerimonia, para a noite, ou de se trazerem polainas, cujo colorido mais claro impõe sejam as meias da côr da gaspea da botina ou da côr do sapato que as polainas cobrem.

As meias com baguetas (espiguilhas) tendem a fazer o pé mais magro e mais longo, do mesmo modo que as de quadrados e xadrezes accentuam o effeito do tornozello (os maldosos dizem "mocotó") grosso, muito frequente no pessoal que não teve teve uma "linhagem" superexcellente. Para evitar a impressão de tornozello grosso e pesadão resultam excellentes as meias ás riscas ou as "costelladas" isto é, as encordoadas no sentido do comprimento e que apresentam, quasi sempre, agradaveis cambiantes de duas c res.

Para a casaca e o ismôque as meias devem ser pretas, mas espessas, isto é convém evitar qualquer transparencia. Por isto costumam muitos elegantes vestir uma meia sobre a outra, servindo a primeira (geralmente de côr escura) como carmim ou marinho, de verdadeira sombra. Outros, ainda preferem vestir uma meia de seda grossissima, escurissima, tambem, num tom colorido, quasi chegando ao negro.

Esta é uma escolha que depende muito de se usar sapato ou botina com a casaca e o ismôque. Alguns raros elegantes — a verdadeira elegancia é sempre rara — fundados na theoria de que a calça sem dobra, obrigatoria nos trajes de cerimonia, á noite, cae muito melhor sobre a botina do que sobre o sapato, uzam borzeguins feitos inteiramente de verniz, tanto gaspea como cano, bem collados ao pé, com sola fina e enfiadores passando em ilhoses não guarnecidos de metal, reproduzindo assim o effeito de delgadeza e alongamento do pé tão procurados pelos "leões" de 1830. Outros, menos exigentes, usam até sapatorros de grossa gaspea, muitas vezes adornados com uma profusão de buracos e recortes. Estes, porém, não são elegantes...

Para terminar. Digamos que as meias devem ser presas á perna por meio de ligas de pegadores duplos (typo emericano, bem recente) evitando que ellas se enrosquem nas tibias e que, ainda, se gastem mais de um lado do que de outro. As ligas precisam ser escuras, preto, marrão ou marinho, salvo si podem ser facil e rapidamente substituidas, quando, então, tornam-se aconselhaveis as de côres claras.

ELEGANCIAS FEMININAS

Golpes de vista sobre a moda

Circulos...

Os anneis, distinctivos de Clubs, as rosaceas, as palmas, ou simplesmente, o circulo nú e vasio, encontram-se a margem das saias, das collerettes, das blusas, terminando em bordados, em incrustações, em abertos o proprio tecido.

Incrustações...

Desenhos geometricos, triangulos, quadrados, losangulos, circulos animados com raios adoptam-se em profusão aos tecidos, chocando linhas e coloridos creando harmonias e contrastes muitas vezes violentos aos quaes nosso olhar, ao principio susprehendido, pouco a pouco se habitua.

O triangulo...

Na frente dos vestidos, o collete ou o paneau triangular, ponta para cima, dá um destaque escuro sobre claro, ou vice versa, muitas vezes branco sobre azul marinho ou preto.

Na lapella ..

Eglantinas brancas ou rosadas, pallidas camelias, rutilantes girasoes, offerecem por um capricho novo uma moldura á suas petalas, uma estreita, moldura negra.

Sobre o vestido de soirée...

Um chou de tulle preto tendo ao centro uma joia, cabochou ou pedra de cor, ou simili, alfineta-se ao hombro deixanda cahir suas tiras sobre a blusa, algumas vezes até a barra da saia, uma na frente outra atraz.

Na barra da saia...

Atraz sobre a barra da saia uma flor de mousseline, rosa ou papoula, que parece cahida de um bouquet.

Espelhos...

Espelhos em circulos, espelhos em lagrimas brilham nos vestidos de soirée, quer sejam brancos ou pretos, de taffetas setim ou mousseline.

Lantejoulas...

Negras, nacaradas, multicores, douradas, prateadas, elles enfeitam os leves tecidos, frisam os desenhos floridos ou geometricos das finas rendas.

Um capricho...

Notemos o ultimo capricho das mulheres que cessaram de usar o batón de rouge nos labios. Adoptaram um creme purpurino, collocado em uma caixinha de esmalte infinitamente pequena ornada com o monogramma em diamantes sobre a tampa, e donde com seu pequeno dedo ella retira o creme magico para passal-o nos labios.

MARILÚ

CINERAMA

CLARA BOW, a de olhos tristes

SEM ASSUMPTO

Procuro um thema bonito
Remexendo o meu bestunto:
Mas tudo já foi escripto
Exgottou-se o meu assumpto!

— Escreva lá o que fôr
Sobre um assumpto qualquer!
Um bello thema — a Mulher!
Outro mais bello — o Amor!

— O da Mulher! E' tão vasto.
Tão difficil de entender...
O do Amor! Já está tão gasto...
E' capaz de ninguem ler!.

— Pois faça um verso com chiste
Que o povo aprecia e lê!
— Mas não posso, hoje estou triste,
Tão triste!. não sei porque. .

— Você triste! Tão mocinho
A pensar tanto na vida?!
Agora sei, advinho:
Isso é paixão recolhida.

— Até rio achando graça
Em tamanha insensatez!
— Mas o amor é como a traça
Róe escondido... Talvez...

— Mas não fallemos mais nisso,
Agora vou á Cidade.
— Tem talvez um compromisso..
— Qual o que! Curiosidade.

Cidade! Rua Direita...
Da Rua Quinze á S. Bento!
— A minh'alma? — Satisfeita!
Tristezas? Leva-as o vento!

Ella vae de passo a passo,
Com sapatinhos de gesso,
Do fim da rua ao começo.
.... E o mesmo caminho eu faço...

Debaixo do queixo um laço
De fita... E o olhar travesso
Me vira todo no avesso
Com todo desembaraço!

Tem um corpinho roliço
Desde o pé até o pescoço,
E mais um ligeiro buço..

O olhar dum verde-feitiço
Dessa "morena-colosso"
Tem me feito ver o russo!.

Da cachóla sae a rima!
Fica inspirado o bestunto!
E a musa toda se anima
Ao ter um tamanho "assumpto"!...

Corre a pena no canhenho
Satisfeita e sem cansaço!
Tenho assumpto! mas não tenho
Para escrever, mais espaço..

DR. FELIX

EPISTOLA AOS CORINTHIANS

Meu irmão Valerio, hoje é com voce; deixo de lado, por emquanto, os nossos prendados irmãos das costelletas e pantalonas... Voce, velho como eu e com o mesmo dicernimento, melhor que os outros comprehenderá o porque da minha ausencia daquella esquecida pagina do *Arlequim*, para onde, agora, voce me induz a voltar por meio de expressões afiadas... Não se esqueça, meu irmão, de que ha já muitos seculos — quando começamos a contar esta penosissima era do nascimento — um outro Valerio, o Valerius Maximus, para alisar a Tiberio offereceu-lhe um livro, se bem me lembro, esse livro era aquelle tal *De dictis factisques mirabilibus*, o encebado inquarto que não conseguiu nenhuma epistola de Tiberio mas servio de pretexto para se enxotar Valerius do seculo de Augusto e paraos puxões de orelha que levamos na escola de latim, quando eu já me conjugava e voce nem siquer se declinava... Depois do *Dictis*, envelheci e voce educou-se; não aprendeu latim, é certo, mas se fez homem, passando, então, da epistola para o evangelho...

Não sei porque voce dezeja voltar agora á epistola!... Seja por que for — sua alma, sua palma! — aqui vai ella.

O motivo mais certo da minha ausencia daquella esquecida pagina, talvez tenha sido um acontecimento que, se tivesse acontecido teria trasido como consequencia a minha reforma deste mundo, pela compulsoria...

O guidon do automovel é uma roda que tanto gira para a direita como para a esquerda e tem, ao contrario de todas as outras, o eixo obliquo. Essa roda indeciza que jamais gira para a frente, talves seja um symbolo da indecizão moderna que não sabe o que deseja e nem por onde vai, emquanto a vida corre como um automovel... Pois o meu caso foi um guidon, com a sua indecisão e com as suas mãos, as quaes, por felicidade minha, se compensaram no momento fatal, porque, se uma foi sinistra, a outra foi dextra...

Acontece que, morando eu na rua Livramento, desci na esquina da rua Livre e, ao atravessar a da Liberdade, fui violentamente empurrado por um automovel que vinha do Centro, para a peripheria, com escala por cima dos outros. Não perdi por isso o equilibrio; não perdi o chapeu e nem perdi de vista o passeante que me empurrou com tanta velocidade e que, depois de certa caminhada, conseguiu refrear-se e voltou ao logar onde eu, corteamente, me entendia com a curiosidade publica, disendo:

— A Senhora me desculpe não ter morrido para a Senhora ver... Garanto-lhe que não é por minha vontáde que estou vivo!

Pois o homem de guidon indecizo voltou, e veio feito! Fitou-me com duresa e levantou ameaçador o indice da mão direita onde alumiava uma esmeralda. Nesse momento, um popular perspicas e philantropo, clámou ardorosamente:

— Voce pensa que esta rua aqui é enfermaria da Santa Casa!? Fique sabendo que eu sou do "Palestra" e official de barbeiro!

Reconheci um dos meus irmãos no civilisado popular e comecei a receber uma formidavel descompostura do homem do guidon, decerto porque o automovel não me quebrou as pernas. Para xingar-me, voltou elle do seu caminho; para arrasar-me com um cyclone de quanto palavrão trouxe do seu tempo de garoto e de tantos que aprendeu com outros cocheiros, em vias de atropelo... Xingou-me, a mim e a todos os meus e ia, de certo, xingar o mundo quando verifiquei que, alem daquelle olho verde, no dedo, trasia elle, ao lado do guidon, mais dois outros, entre o beiral de umas franginhas pretas e uma boquinha pintada em copas... O olho do dedo accomodou-se, mas os outros dois do rostinho moreno alvoroçado, olharam com desdem o meu silencio descomposturado... Uma pessoinha assim, moreno escuro, olhos bem verdes, só conheci uma antes desta; por signal que até se matou com veneno de formiga, por causa de um moço chamado Quincote... As mulheres dessa tinta, quando dão para amar ou para odiar, são umas feras... Emquanto a descomponenda ia roncando — por associação de ideias — fazia eu as minhas considerações sobre as mulheres. Occorreu-me então que entre essa pobre gente, hoje em dia despeitorada, ha umas que usam lorgnon e outras nem sabão; que as de beicinho pintado em coração, rescendem a Cheramys e as de sombrancelhas peladas, a travesseiro de macella... Mas voltemos á descompostura.

Já um entendido verificou que a "verve" insultante dos cocheiros e "chauffeurs", depende em grande parte da velocidade do vehiculo. Talvez seja por isso que o automovel culmina na virtude de xingar e fugir e aquelle homem que percorre, de vez em quando, as nossas ruas, conduzindo um formidavel e lento compressor, é a creatura mais muda e mais pacifica desta terra!... Pois o homem distratou-me em todos os tons e em todos os graos de parentesco, desde os mais remotos, até os intimamente proximos... Inevitavelmente um atropelo de automovel acarreta uma cruel desconsideração á virtude das mães de familia e, tanto mais clamarosas e alarmante é, quanto mais luxuosa for a marca do automovel!

Depois que o homem do guidon e do olho verde descarregou sobre mim toda a sua furia por eu não ter morrido, calei-me esperando que o barbeiro do "Palestra" dissesse alguma coisa. Afinal, quando ninguem me defendia; o publico já era numeroso; os palavrões os mesmos e o grilo não apparecia, o dedo do olho verde resolveu por termo ao caso. Comprimiu um botão, arrancou um berro caprino das entranhas do auto e, lá se foram os tres a procurar Pilatos... Nunca mais hei de ver juntos, na posse de um guidon, tres olhos tão verdes e tão expressivos!... E fiquei para sempre convencido de que — bem feitas as contas — os culpados de tudo somos nós e as unicas victimas dos desastres são elles, os homens do volante. E até os italianos pensam como eu, tanto que costumam dizer: "O homem foi embaixo do automovel..."

Coincidiu ser o dia do desastre o mesmo da epistola e como não houve um, deixou tambem de haver a outra, sem prejuizo, tanto para a minha saude, como para os meus irmãos...

E por falar em voces — um conselho: quando andarem por ahi, rodando átoa, para mostrar aos que não estão vendo que voces têm automovel e estão no guidon, corram á vontade, desabridamente; passem por cima de mim e de qualquer outro; matem, espatifem todo o mundo, mas respeitem ao menos as pobres mães!

Quanto a voce, Valerio, perdoe-me a ausencia, assim como lhe tenho perdoado o ipsilone que tem deixado passar na palavra corinthians, do titulo das minhas epistolas.

P A U L O D E S Ã O P A U L O

Tirei sero em anatomia
Sabes tu por que rasão?
Por eu diser que sabia
Que tu não tens coração.

Teus seios, doce mysterio
Que o meu olhar não desvenda,
São dois canarios do imperio
Numa gaiola de renda,

E' tão pouco o que desejo.
Mas é tudo o que me falta,
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente:
E a mim, tu não tens amor,
Que morro por ti somente.

O PRIMEIRO CONCURSO DE ARLEQUIM

O Cupido moderno devia ser representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua literaturazinha ás occultas... Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não ha mesmo fugir deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos "Motivos de Proteo" *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecerian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!". Não nos parece tenha lá muita razão o arguto pensador de* "Ariel" *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autôra da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

Dona Carmen

Boa tarde. Escrevo-lhe, pedindo desculpas por não ter acceitado o seu ultimo convite (irmos juntos a Santos), e, ao mesmo tempo, dando o motivo por que o fiz. Dona Carmen, a senhora bem sabe, isso entre nós ainda acaba mal. Afinal de contas, eu sou um moço de pouco mais de 19 annos, chegado hontem da minha provincia distante, ingenuo, primitivo. A senhora (perdôe a indiscreção) já deve attingir quarenta e alguma coisa, é uma pessoas cheia de requintes e subtilezas, perfeitamente civilizada. Francamente, eu fui conquistado pela senhora. A principio fui cedendo, mais pelo acanhamento de recusar, e um pouco pela incerteza das attitudes da senhora; pois eu não sabia si todas aquellas deferencias para commigo, eu as devia a uma grande e desinteressada sympathia que lhe inspirára, ou si por autro motivo eu as merecia... Até que, naquelle celebre dia, a senhora me mandou chamar á sua casa. Mandou o seu Packard, com aquelle chauffeur de farda vermelha. E com o chauffeur, um bilhetinho. "Que não me recusasse, pois seria isso uma desfeita sem nome. Que eu ha tanto tempo não a visitava e ao seu marido... Si estava zangado... "Ah! Dona Carmen, antes tivesse feito a "desfeita sem nome"! Quando é que eu poderia suppor que a senhora iria me esperar em sua casa, com um pyjama tão leve e tão justo no corpo (eu nem quiz verificar si era transparente), sózinha, ás nove e meia, dez horas da noite, e justamente nessa noite em que Seu Gumercindo havia feito viagem?! Seu Gumercindo. Falo nelle com verdadeiro remorso. Elle foi sempre tão bom para mim. Quando cheguei lá do Sul, cabeça virando, desnorteado, foi elle quem me deu a mão. Eu trazia diversas cartas de recommendação, entre as quaes uma para elle. Os outros não me attenderam... Elle, solicito, abriu-me a bolsa, o coração, os braços, a casa, nem sei o que mais, dona Carmen! E isso tudo, como eu paguei tão mal... Que remorso! Eu nunca, mas nunca, poderia suppor que em minha vida succedesse essa aventura. Custava a acreditar, até mesmo quando, naquella noite, a senhora me mimava, me beijava nas mãos, nos olhos, na bocca, me queimava todo com seu halito quente e perfumado, com seus braços quentes.. Eu tremia, vendo, a cada hora, o seu Gumercindo entrar, irado, vermelho de indignação, revolver em punho, na perspectiva de uma tragedia. E os jornaes, no dia seguinte "Tragedia conjugal. "E o meu nome, o da senhora, o do seu Gumercindo, o revolver, o pyjama, o tiro, o chauffeur, a Packard, tudo isso em letra de fôrma... E a senhora não póde imaginar o escandalo que isso tudo provocaria, na aldeia insignificante em que eu nasci. Seria um bate-bocca tremendo. A d. Biloca, o major Dantas, o collector, o prefeito, a Chininha minha namorada. A Chininha. Foi por causa da Chininha que eu vim para a cidade. Pra vencer a vida e dar a vida pra ella. E que medo ella tinha de que, uma vez aqui chegado, eu me esquecesse della, me tornasse debochado, farrista como os moços da cidade... E agora, o que não diria a coitada, quando soubesse que succedeu coisa peor? Que eu sou um d. Juan? Que ando a conquistar mulheres casadas? Santo Deus! a esta palavra "casadas" sinto um arrepio de horror! Casadas! Vejo, á minha frente, um outro "eu", o antigo, o primitivo, com a cabeça cheia de verdades ingenuas, o coração repleto de ternuras e bondades. E esse, o Gustavinho (como me chamam lá onde eu nasci), o Gustavo Augusto de ainda ha meio anno atraz, dedo indicador em riste, numa censura energica, ouço-o dizer-me: "Então, seu Gustavo, o senhor é um canalha! Onde está o amor que o senhor dedicava á Chininha? Onde diabo você metteu os insinamentos christãos, puros, de uma limpidez de chrystal, do velho Antonio Augusto, pae de nós ambos? D. Juan! Cynico! Destruidor de lares!"

Dona Carmen, páro aqui. Já fui demasiado eloquente. E peço que não me mande mais o chauffeur em casa. Não me procure mais. Mas fique a senhora sabendo que eu gosto muito, mas muito, da senhora. Mas este amor, que tem cheiro de tragedia, que tem gosto de crime e de peccado, vae de encontro aos sentimentos e preconceitos que eu herdei daquella gente boa que trabalha ao sol, cavando a terra a cantar! E' só por isso. E isso é tudo, para quem, como eu, só logra alcançar prazer naquillo que é praticado sem infracção desses principios sagrados que a gente houve da bocca paterna e guarda zelosa no fundo do coração.

Me desculpe, dona Carmen, mas não podemos. Boa tarde!

GUSTAVO AUGUSTO

N. B. — Embarco depois de amanhan logo cedo para a minha terra. Si fôr possivel, mande o chauffeur ainda hoje. Despedida.

Wilka

Que você pensa que lhe vou dizer aqui?

Que estou ferido? que estou com ciumes? que passo o dia com o seu sorriso nos meus olhos? que passo as noites a sentir, ainda, o seu perfume? que passo as horas, os minutos, os segundos, com você no coração e no cerebro? só você, você, você, você...?

Não pense. Não pense porque nada disso poderei dizer.

No seu "está tudo acabado" você foi de uma chatice impressionante. Esta phrase já a disseram nossos avós. Além do mais, sómente acaba o que teve começo e vive e goza ou padece.

Entre nós nada começou, nada viveu, nada cresceu.

Mas você quer dar uma forma á fantasia, corporificar a sua futilidade de moça inexperiente. Seja. Posso admittir esse fim sem principio.

Então "está tudo acabado!". E' como você quer.

Eu saio illeso. Não amei e nem amo. E' como se você não existisse, nunca tivesse existido!

Escrevo tudo, como vê, com a maior displicencia, como se saboreasse um cigarro, calmamente, senhor dos meus nervos — nunca attingidos pela sua maldade.

Escrevo tudo isto friamente, juro-o.

E se assim não fosse, se não fosse dono de mim mesmo, como poderia eu ter a illusão de uma existencia, que me foi sempre sem sol, mas parda de sombras, impregnada de presentimentos, de um resaibo de sangue, oxydada de longas vigilias?

Por isso é que não doem nem o seu despreso, nem a enervante monotonia da minha vida. Uma monotonia de luz de lamparina...

Hei de ser como a luz da lamparina. Tremula, mortiça sempre, resignada sugando, pelo paviosinho humilde o medo de morrer.

E quando deixar de existiir?... Alguma coisa ficou suja de azeite. E' o unico vestigio de sua passagem pela existencia.

E assim vou... ageitando-me como posso e Deus é servido, entre os mortaes... construindo o que quer que seja parecido com um vigamento de logica para poder justificar a vida.

E' o que eu chamo roer o meu figado. Foi para isto que vim ao mundo, para roer, rocr epilepticamente o meu proprio figado!...

Feliz Prometheu, que ao menos tinha quem lhe roesse as entranhas! E tinha uma culpa a expiar.

E eu que nem a do amor posso ter?!

Ando pelo meu quarto, como nas vesperas do nosso amor.

Continuo a andar, sozinho, esquecido, sem ninguem, numa ronda de fera presa.

Um homem enrolado no seu desespero! E o abatimento? e a melancolia?

Eu sou feliz, na melancolia... nesta profunda melancolia!

Ah! como foi amarello o crepusculo do nosso amor!...

A mim não importa que voce tivesse sorrido com desdem, com esse desdem ridiculo e postiço das mulheres futeis.

Não me importa, porque tudo isso passa.

Sabe lá, voce, se tudo isto passa?

Em mim não ficou o germem do odio.

Ah! o germem canceroso! O odio quer dizer amor... mas nos tempos dos homens de prol e das mulheres que... valiam...que... Eram, mesmo, mulheres?

Serei eu assim? Será voce?

Não. Entre nós foi tudo muito simples. Um simples aperto de mão, num fortuito encontro. Palavras innocuas e simples. E, agora, simplesmente, nos despedimos. Continuou, como começou, intacta a nossa liberdade de pensar.

Mais nada.

Como vê, estou alheio, minha ex-amiga, a esse caso que, você, vaidosa ou ingenuamente suppõe um caso de amor. E' grotesco o que você imagina!...

Sinta a indifferença com que lhe escrevo. Nada me comove.

Nem a sua despedida, nem o seu sorriso compassivo e ironico, nem tantas cousas... e tantas cousas...!

Eu vou rir da sua ingenuidade. Vou rir friamente... E voce verá como eu rio, como eu tenho coragem para rir...

Adeus!

Chopinsky

Meu querido

Não julgues que venho falar-te do nosso amor. Oh! meu dilecto.. Fiz hoje uma horrivel descoberta, que me angustiou tanto, tanto, que nem tive coragem de apparecer ao chá das cinco, conforme combinamos. Malaventurado o espirito dos descobridores!

Minha descoberta trouxe-me uma certa dóse de desanimo e de amargura. Descobri que não te amo e que nunca te amei. Cri, no principio, que até morreria por ti. Mas hoje vi, meu querido boneco de calças Charleston, que me enganei completamente. Enganei-me simples e infelizmente porque és igual aos outros. Banal demais, entendes?. Dansas impeccavelmente, fumas com elegancia notavel, guias a Cadillac com a arrogancia de um duque, o nó da tua gravata é o mais perfeito que conheço; a tua conversa é optima num salão de baile, soffrivel numa roda de papaes sizudos, um tanto falha nas sessões scientificas. Conversas, emfim, o sufficiente para captivar uma mulher, e a mim, no entanto, não inspiraste coisa alguma. Fiz o possivel e quasi o impossivel; enganei-me a mim propria. Enganei-me quando te dizia que eras o meu eleito, pois a verdade é que nunca poderia eu amar-te, meu principe da moda.

Eu nunca tolerei banalidades. Tu, não. A historia simples te satisfaz.

Gosto, não das coisas por demais exoticas, mas daquellas em que haja apenas um pouco de excentricidade. Quanto ás pessoas, quanto ao Homem, gosto do que me contradiz; adoro o espirito dos homens contradictores, impossiveis, absurdos. Amo os paradoxos.

Tu nunca me disseste uma phrase com que pudesses differir dos outros: "Eu te amo! Tu és a minha vida! Sol da minh'alma!"

Ora, ora. estou cançada destas mesmas phrases. Estão muito repetidas, são "coisa gasta". Por que não me dizes algo de novo? Uma palavra que me encante, que me enthusiasme ou que me irrite Por que? Porque és mesmo um "agua-morna", meu amor!

Nesta hora aspiro a certa tyrannia... Tu Tu não sabes mandar, obrigar.. Não sabes fazer curvar-se ante a tua ordem a minha teimosia. Isso me entedia horrivelmente; não gosto dessa tua condescendencia.

Quero um amor differente dos outros. Poder affirmar que se ame alguem da maneira por que me amas até me desconsola. Fico a olhar, desanimada, para o meu querido angorá, aqui ao meu lado, a ver se comsigo descobrir nas suas pupillas verdes alguma esperança de que mudes de tactica. Não posso supportar e não quero amor assim. Se vaes mudar de alma e de coração, espero-te ás 7, para a primeira do São Bento. Caso contrario, adeus. Esquece-me.

CONSTANCE

Encerramos impreterivelmente o recebimento de cartas de amor no dia 30 de Maio, ás 12 horas e 30 minutos.

São Paulo. 11 horas. Faz um calor de rachar.

— Positivamente, isto aqui é uma filial do deserto do Sahara!

— Vamos a um sorvete.

— E' desagradavel e pode fazer mal. Sorvetes, chás, leite, são cousas indigestas.

E os dois amigos, braços dados passavam pela rua Libero. Ao defrontarem o numero 31, um delles exclamou:

— Ah! Entremos aqui no Fulgor. Vamos tomar uma "caipirinha", a melhor invenção destes ultimos tempos. Você já tomou "caipirinha"?

Os dois amigos entraram no Fulgor, de onde só sahiram duas horas depois. E' que a "caipirinha" é, na verdade a unica bebida agradavel nestes tempos de canicula.

S. Paulo possue algumas instituições benemeritas e dignas do nosso melhor apoio. Entre estas, a

Livraria Saraiva, no largo do Ouvidor, onde se encontram as mais bellas e variadas collecções de livros nacionaes e extrangeiros.

Editora de livros juridicos, a Livraria Saraiva é o logar onde os academicos de Direito podem obter, pelos mais vantajosos preços, todos os trabalhos de que necessitam.

— Que linda roupa a sua!

— Obrigado.

— Explique-me, então, o segredo da sua elegancia.

— E' que me entreguei aos cuidados do sr. Lourenço Unti, que possue uma alfaiataria na rua da Consolação, n. 108. E prompto. Desde que alli entrei é isto que você está vendo: só uso roupas bem feitas, cortadas admiravelmente, e que me emprestam esta linha irreprehensivel.

— E esta linda fazenda, onde você a comprou?

— Lá mesmo. Na rua da Consolação n. 108 você encontrará o mais variado e bello sortimento de casemiras, inglezas e nacionaes.

São oito horas da noite. Elles passeiam de automovel. Faz calor.

— Tenho sede.

— Quer ir a uma confeitaria aqui na cidade?

— Não. Vamos, antes, a um logar aprazivel, onde a gente possa passar alguns minutos agradaveis, ao ar livre, e onde se tome um bom refresco.

Elle pensou, e concluiu alguns instantes depois:

— Pois vamos á Villa Pompeia. E' um bairro lindo. E lá em cima, no Emporio Pompeia, do sr. Manoel G. F da Silva você poderá, vantajosamente, satisfazer o seu desejo. E' a confeitaria melhor do bairro.

Tarde de Domingo.

A limousine, fonfoneando, pára á porta da residencia rica.

Mme e Mlle descem.

Vêm de ouvir a musica — maravilha de Manen.

Mr., o pae, burguez e apatacado, espera-as mergulhado na poltrona "mapple" do grande hall moderno.

— Então, gostaram?

Mlle tira as luvas, entortando a boquinha num muchocho.

— Gostei...

O lorgnon de saphiras de Mme faisca.

— E porque não bateu palmas?

— Ora, mamãe! Bater palmas a um profissional?!!

— E para que você foi ouvil-o?

— E' chic... E' móda!

Mme e Mlle sobem aos apartamentos. Cobremos corpos esbeltos com os ultimos figurinos de Paris.

Vão ao Paulistano. Mlle dança. Voltam.

A' noite saem de nôvo.

— Um artista amador, da alta roda, vae mostrar a cazaca impeccavel, sob o pretexto dum concerto de violino...

O salão regorgita. Alta sociedade. Mlle sorri para tudo e para todos, mesmo para os que a não conhecem.

Campainha.

Palu... Palu...

O jovem surge no palco. Sensação. E' bonito... E' rico... E' elegante...

Tóca... (Verdadeiro carro de bois...)

Mlle applaude enthusiasmada.

Estupendo! Phantastico!

Optimo! Maravilhoso!

O lorgnon de saphiras de Mme. faisca.

— Menina! Chega de palmas! Estão reparando!

— Por isso mesmo, mamãe! Noblesse oblige!

...Artista...

Para Anacreonte, o bellissimo poeta que odiava a tristeza e temia a velhice, que andava sempre coroado de flores, e queria calçar cothurnos de beijos nos pés das virgens gregas, — a mulher era a suprema creação da natureza.

E foi uma noite, sob um florido rosal da velha Grecia, que Anacreonte escreveu os versos que traduzo·

As Mulheres

A natureza deu chifres aos bois.
Concedeu depois cascos aos cavallos,
á lebre permittiu o saltar vallos
e deu prezas ao leão cruel... Depois
mandou que os peixes celeres nadassem,
doou aos passarinhos o voar
e concedeu aos homens que pensassem...

— Só ás mulheres nada tinha a dar!

Porque não? Deu então a boniteza,
em vez de um ferreo escudo
e forte espada por defeza.
E ás mulheres bellas vencem tudo,
— curvam-se ferro e fogo ante a belleza!

Signaes Luminosos

O poste luminoso manda
quando acende a luz verde· — "Vamos! Passe!"
A luz vermelha desmanda·
— "Requiescat in pace"!

— Teus olhos, pharoes verdes, dizem· — Passa!
Está livre a estrada da chiméra!"

E tua bocca (luz vermelha), luz e graça·
— "Pára! Espera!"

Pedro Antonio

Mentem as mulheres com tanta graça, que nada lhes fica melhor do que a mentira.

Lord Byron

Pedro Antonio

AOS QUE NOS ESCREVEM

ILLUSTRAÇÕES DE BABY

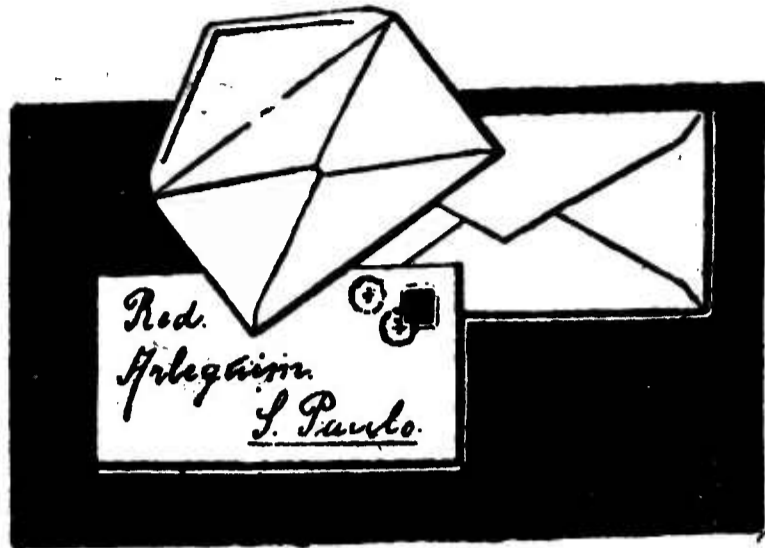
MARIO — (Capital) Sabe de uma coisa da qual estou profundamente convencido, meu amigo? E' de que se houvesse, no mundo, menos homens tolos, a vida seria menos má, ou difficil. Como queiram. Se, por exemplo, fossemos obrigados apenas a aturar a luz implicante do sol, a sensaboria das "jeunes-filles", o atrevimento dos meninos esportivos, a moral encasacada dos burguezes, e a soffreguidão e insistencia dos credores, soffreriamos muito menos, decerto, do que tendo, alem daquellas calamidades todas, de tolerar ainda as bobices de certas creaturas, curtas de intelligencia e cheias do bom-senso. Você, por exemplo.

A sua composição "Derrocada", na qual você faz um pastiche muito reles de certos trechos do "Ante los barbaros", de Vargas Vila, é, positivamente, uma obra prima de cretinice.

O mundo, segundo os seus conceitos mal escriptos, está perdido de uma vez. Anda cheio de mulheres sem compustura e de homens indignos. Para você, Catãosinho, mulheres sem compustura são todas as que andam de vestidos curtos, pintam os labios, trazem os cabellos cortados e não vão á missa cada manhan. E homens sem dignidade somos, numa palavra e resumindo, nós todos, com excepção, naturalmente, de você, que ao envez de cuecas veste ceroulas, porque aquellas são um "indice de depravação".

Mas, Mariosinho, escute. Você é um genio. Pois não é que você descobriu que esta nossa São Paulo, pacata como uma velha, que ainda acredita em escandalos e arregala os olhos atôa, está ultrapassando a Roma das bacchanaes, e que os nossos poetas já metteram, ha muito, no chinello, Juvenal e Marcial? Esta sua descoberta, Mariosinho, significa um genio; ou, o que não é possivel, um individuo incrivelmente ignorante e supinamente ingenuo.

A. VAZ... — (Pres. Wenceslau) Todos no bonequinho estamos reclamando o seu silencio. Ainda hontem, Pedro Hortiz e eu lamentavamos, numa lamentação saturada de saudade, a falta grande que você nos está fazendo. Recordei, então, num instante, todos os dias que foram os primeiros da vida de "Arlequim", e tivemos, Pedro Hortiz e eu, uma vontade damnada de que isso ahi arrebente, ou de que você seja posto fóra da cidade, e que venha de novo para nos mostrar as delicias que se escondem na vida.

B. B. — (Sorocaba) Estudo graphologico?! Nem a peso de ouro! E creia, minha amiga, que sinto muito não poder satisfazer ao primeiro pedido que me chega ahi de Sorocaba. Mas, peça-me qualquer outra coisa, e prometto attendel-a. Peça-me até para ler inteirinho, de fio a pavio, um dos livros de Delly. Faço isto, minha amiga, mas me recuso a estudar a sua letra.

CARMEN — (Piracicaba) Você está confiando demais na distancia que nos separa, e não tem medo, por isso, do sopro do Diabo... Entanto, creaturinha, fez-me mal a maneira como você se descreveu para a minha imaginação, e se você não exagerou nas tintas, e se você é realmente aquelle deslumbramento, chego a ter inveja dos moços de Piracicaba.

Mas, eu desconfio tanto da sua capacidade imaginativa!...

SONIA — (Capital) Então, minha amiga? Agora é você quem não me manda dizer mais nada? Por que? Desagradou-lhe a sardinha? Ou foi o italiano da anedocta que não lhe soube bem? Você é injusta, Sonia. Nem sempre a gente pode ser "raffiné"...

CLÉO — (Rio de Janeiro) Venha. Você ha de gostar, decerto, desta nossa São Paulo garoenta. Você ha de achar interessantes os nossos dias que acordam, cada manhan, com cara de ressaca, e ha de gostar de ver as estrellas se metterem quasi sempre pelo céu a dentro, medrosas de que os paulistas as queiram tambem a ellas para as suas transações commerciaes... E você ha de ficar encantada, depois, com o nosso. sol, muito menos enfadonho que o de vocês, e que gosta de andar sempre vestido de nuvens cinzentas.

Devo, entanto, carioquinha, prevenil-a de uma coisa. Você deve ser encantadora e ter os olhos grandes do tamanho do mundo. Quando você passa ahi pela Avenida, os pés pequenos roçagando o chão, uma porção de homens elegantes, á porta do Club de Engenharia, acompanham você com o olhar, e dizem, para você ouvir, galanteios bonitos. O mesmo acontece quando você entra na Colombo, ali na rua do Ouvidor ou quando vae assistir á sessão chic do Cinema Imperio.

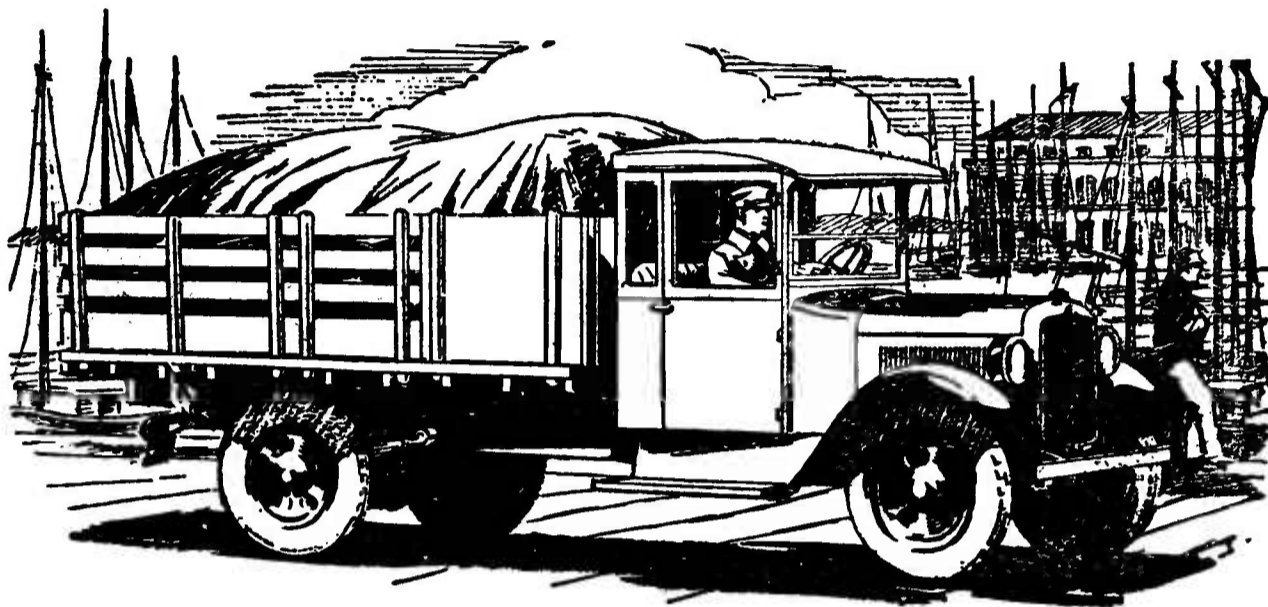
Você já se habituou, por isso, carioquinha, a ter consciencia da sua belleza e do seu poder de seducção. E, por você já se ter habituado a isso, é que devo prevenil-a, para que você não se admire, de que os homens daqui perdem dezoito horas do dia trabalhando. Nas seis restantes, comem e dormem. E, porque os dias só tem 24 horas, dormem e commem mal, com visivel prejuizo de nós outros que lhes temos de aturar o mau humor.

Assim, avisada disto tudo, você não se admirará, quando aqui estiver, se elles, ao envez de serem amaveis com você, lhe derem esbarrões na rua. Você não se aborreça com isso. Pode ficar certa que elles não prestaram attenção em você, porque são incapazes de admirar qualquer coisa bonita, elles que só sabem pensar na baixa do café, nas futuras possibilidades da creação de bichos de seda, e na melhor maneira de se engordarem porcos.

VALERIO

O Novo Caminhão

de 2 toneladas e de 6 Cylindros

Caixa de marcha de 4 marchas e freios nas 4 rodas (Lockheed)

Este Novo Caminhão Graham Brothers está sendo vendido ao mais baixo preço por que jamais se vendeu um caminhão de duas toneladas e de seis Cylindros—centenas de dollars mais barato do que muitos outros.

Os engenheiros o proclamam o caminhão mais aperfeiçoado e mais moderno. Vejam-no . . . . Comparem-no com qualquer outro caminhão jamais construido.

AGENTES GERAES:

ANTUNES DOS SANTOS & CIA.

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 39 | 41

CAMINHÕES E AUTO-OMNIBUS

GRAHAM-BROTHERS

CONSTRUÍDOS PELA SECÇÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC.,
VENDIDOS PELOS AGENTES DODGE BROTHERS NO MUNDO INTEIRO

Saponaceo Radium